

Carta a Meneceu

Epicuro a Meneceu¹, *saudações*.

Mesmo que jovens, não devemos hesitar em filosofar. E nem sequer na velhice devemos cansar-nos do exercício filosófico. Pois para ninguém é demasiado cedo nem demasiado tarde para a purificação da alma. Aquele que diz que a hora de filosofar não chegou ou já passou, assemelha-se ao que afirma que a hora não chegou, ou já passou, para a felicidade. São, por isso, chamados a filosofar o jovem como o velho. O segundo para que, envelhecendo, permaneça jovem em bens por gratidão para com o passado. E o primeiro para que jovem, seja também um antigo pela ausência de receio em relação ao futuro. Devemo-nos, pois, preocupar com aquilo que cria a felicidade, já que com ela possuímos tudo e sem ela tudo fazemos para a obter.

Põe em prática e medita nestes ensinamentos de que constantemente te falei, tendo consciência que são os elementos do bem viver. Antes de mais, considerando o deus como um ser

¹ Meneceu era um dos discípulos de Epicuro.

vivo imortal e bem-aventurado, de acordo com a no a comum de deus que possuímos, nada lhe atribuindo de oposto   sua imortalidade, nem de incompatível com a sua beatitude. Em contrapartida, atribui-lhe tudo o que for susceptível de lhe conservar a beatitude, ao mesmo tempo que a imortalidade. Pois os deuses existem: evidente   o conhecimento que deles temos. Mas não existem como a multidão os representa: a multidão não se preocupa em manter a coerência dos pensamentos. Não    mpio aquele que recusa os deuses da multidão, mas o que atribui aos deuses as supersti es da multidão. As explica es que a multidão d  sobre os deuses não são preno es, mas presun es sem fundamento. Por isso os deuses enviam as maiores infelicidades e favores: estando em permanência entregues às suas virtudes, acolhem os seus semelhantes e são indiferentes a tudo o que o não for.

Acostuma-te nesta questão a pensar que para nós a morte nada  , pois todo o bem e todo o mal residem na sensa o, e a morte   a erradica o das sensa es. Por conseguinte, a adequada tomada de consciência de que a morte nada tem a ver connosco faz com que o carácter mortal da vida não provoque cuidados: não concedendo-lhe uma dura o infinita, mas suprimindo-lhe o desejo de imortalidade. Nada há de temível na vida, para quem está verdadeiramente consciente de que nada existe também de terrível em não viver.

Estúpido   pois aquele que afirma ter medo da morte não porque sofrerá ao morrer mas por sofrer com a ideia de que ela há-de chegar.   verdadeiramente em v o que se sofre por esperar qualquer coisa que não nos causa qualquer perturba o! Assim, o mais temível dos males, a morte, nada tem a ver connosco: quando somos a morte não  , e quando a morte   somos nós que já não existimos! Ela não tem qualquer rela o nem com os vivos nem com os mortos, pois para uns ainda não  , e os outros já não são. E, no entanto, a multidão foge da

morte como se ela fosse quer a maior das infelicidades quer o ponto final nas coisas da vida.

O sábio, pelo contrário, não teme já não estar vivo: viver não lhe pesa sem que por isso ache que é um mal não viver. Tal como não escolhe nunca a alimentação mais abundante mas a mais agradável, assim também não procura o tempo mais longo de vida mas o mais agradável. É tolo aquele que, por um lado, incita o jovem a bem viver e, por outro, o velho a bem morrer, não tanto porque a vida seja agradável, mas sobretudo porque bem viver e bem morrer constituem um mesmo exercício. Pior ainda é aquele que afirma ser «belo» não ter nascido, ou

«tendo nascido, franquear o mais depressa possível as portas do Hades».

Se está convencido do que diz, por que não deixa a vida? Se na verdade o deseja, tem imediata possibilidade de o fazer. E se apenas brinca, é necessário dizer que a sua frivolidade está deslocada em tal questão.

Lembre-mos, além disso, que o futuro não é completamente nosso, nem completamente não nosso, de modo a não o esperarmos como devendo necessariamente existir e a não desesperar como se devesse absolutamente não existir.

É, além disso, necessário considerar que alguns dos nossos desejos são naturais, outros vão, e que se alguns dos nossos desejos naturais são necessários, outros são... apenas naturais. Entre os desejos necessários alguns são-no à felicidade, outros à ausência de sofrimento do corpo, outros à própria vida. Ora, uma correcta reflexão sobre esta questão é capaz de relacionar toda a escolha e toda a rejeição com a saúde do corpo e a serenidade da alma, já que é esse o fim da vida bem-aventurada.

Pois é por isso que tudo fazemos para evitar o sofrimento e a inquietação. Quando um tal estado se realizou em nós, toda a tempestade da alma se apazigua, já não tendo o ser vivo de correr como que atrás de qualquer coisa que lhe falta, nem de procurar com que preencher o bem da alma e do corpo. É nessa ocasião que sentimos necessidade do prazer: quando sofremos pela sua não presença, mas quando não sofremos já não temos necessidade do prazer.

Eis a razão que nos leva a dizer que o prazer é o princípio e o fim da vida bem-aventurada. É ele que reconhecemos como bem primordial nascido com a vida. É nele que encontramos o princípio de toda a escolha e rejeição. É para ele que tendemos, julgando todo e qualquer bem de acordo com o efeito que tem na nossa sensibilidade. E é precisamente por ser o bem primordial, nascido com a vida, que não escolhemos todo e qualquer prazer: existem inúmeros prazeres em que não nos detemos, por implicarem um desprazer maior. Consideramos muitas dores preferíveis aos prazeres desde que um prazer para nós maior deva chegar após longos sofrimentos. Todo o prazer é um bem, pelo facto de ter uma natureza apropriada à nossa, sem por isso dever ser necessariamente colhido. Simetricamente, toda a espécie de dor é um mal, sem que por isso se deva obrigatoriamente fugir de todas as dores. É através do confronto e análise das vantagens e desvantagens que convém tomar uma decisão em tal matéria. Reagimos, em certos casos, ao bem como se fosse um mal, ou, inversamente, ao mal como se de um bem se tratasse.

E consideramos a independência em relação às coisas exteriores como um grande bem: não para satisfazer uma obsessão de frugalidade mas para que o mínimo nos possa satisfazer no caso da abundância nos faltar. Todo o prazer é um bem, pelo facto de ter uma natureza apropriada à nossa, estando profundamente convencidos que se encontra tanto maior satisfação

na abundância quanto menos dela se estiver dependente e que se   certo que tudo o que   natural   fácil de obter, o mesmo não acontece com tudo o que   v o. Os alimentos simples satisfazem tanto como alimentos faustosos, logo que suprimida a dor que resulta da falta: o pão de cevada e a água concedem um prazer extremo desde que, com apetite, os levemos   boca. A habitua o a regimes simples e não dispendiosos   um factor de saúde, torna o homem activo nas ocupa es necessárias   vida, mais apto para apreciar, sendo caso disso, as refei es luxuosas e faz perder o receio pelos acasos da Sorte.

Quando falamos do prazer como de um fim, não falamos dos prazeres dos dissolutos ou daqueles que têm o gozo por residência — como o imaginam algumas pessoas que ignoram a doutrina, não concordam com ela, ou são vítimas de uma falsa interpreta o — mas de alcançar o est dio em que não se sofre no corpo e não se está perturbado na alma. Pois nem a bebida, nem os festins contínuos, nem os rapazes ou as mulheres de que se usufrui, nem o deleite dos peixes e de tudo aquilo que pode haver numa mesa faustosa estão na origem de uma vida feliz, mas o raciocínio sóbrio, que procura as causas de toda a escolha e toda a rejei o e afasta as opiniões através das quais a maior perturba o se apodera da alma.

O princípio de tudo isto e o maior dos bens   a prudência.   por isso que, a prudência donde prov m todas as outras virtudes, se revela, em última análise, mais preciosa que a filosofia: ensina-nos que não   possível viver com prazer sem prudência, sem honestidade e sem justiça, nem com essas três virtudes viver sem prazer. As virtudes são, com efeito, conaturais com o facto de viver com prazer e viver com prazer   indissociável delas.

Na tua opinião, que homem   superior  aquele que em rela o aos deuses possui convic es piedosas? Que perante a morte nunca tem receio? Que desvendou o objectivo da natureza, discernindo, ao mesmo tempo, como   fácil de alcançar e